

NOAM CHOMSKY E AS RELAÇÕES CUBA VERSUS EUA

Isabelle Oliveira Bicudo, Thainara de Carvalho Oliveira¹, Leonardo Borges Reis¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul0 – Jardim-MS

isabellebicudo70@gmail.com, thainara0510@hotmail.com, Leonardo.reis@ifms.edu.br

Ciências humanas/Sociologia

Tipo de Pesquisa: Científica

Palavras-chave: Revolução Cubana, Geopolítica Caribenha, Imperialismo, Guerra Fria

Introdução

A obra do linguista norte-americano Noam Chomsky, nascido em 1928, compreende uma miríade de contribuições para o pensamento social dos séculos XX e XXI. Da linguística, área em que foi responsável por uma verdadeira revolução teórica (teoria da gramática gerativa), até suas contribuições para a leitura dos fenômenos políticos mais expressivos dos últimos 60 anos, Chomsky é uma figura intelectual incontornável. Em 1968, já reconhecido mundialmente no campo da linguística, publica o livro *O poder americano e os novos mandarins*, obra em que dará grande ênfase à política norte-americana para a Ásia, sobretudo no Vietnã. Ali surgirá, pela primeira vez, a crítica aos chamados mandarins, isto é, aquela classe de intelectuais orgânicos ligados ao establishment, que além de assumirem a clara postura de apoio à política norte-americana, baseavam sua atuação numa pretensa neutralidade tecnocrática. Com relação a Cuba, a ação desses intelectuais não será diferente. A partir do referido livro, Chomsky não cessará de contribuir sistematicamente com uma leitura acurada dos fenômenos políticos que envolvem, em grande medida, a ação dos EUA na geopolítica mundial. Quanto à análise da situação Cubana perante a política externa dos EUA, constata-se que não há nenhuma obra específica de Chomsky sobre a mesma, contudo, é difícil não encontrar em seus livros capítulos inteiros dedicados a essa análise, tal como em inúmeros artigos de intervenção e entrevistas. Isto é, as relações entre Cuba e EUA são um tema constante na obra deste pensador, mas não há uma sistematização ampla das contribuições da mesma para o tema. Desde os anos 60 o assunto é tematizado, verificam-se análises de praticamente todos os incidentes, avanços e retrocessos da relação entre os dois países, e de quase todas as mudanças táticas dos governos de Washington. Nossa questão de pesquisa é: diante da ampla exposição de análises é possível encontrar um eixo analítico que amarre as observações de Chomsky? Partimos da hipótese, após investigar a bibliografia principal, que é possível encontrar e sistematizar algumas variáveis da análise do autor sobre as relações EUA e Cuba. A primeira observação constante que situará Chomsky como um analista revisionista está na constatação do mesmo de que as relações entre os dois países não podem ser compreendidas tomando como ponto principal a guerra ideológica dos chamados princípios “do mundo livre” contra a “ameaça do

comunismo”. Em outras palavras, é preciso isolar os elementos retóricos e ideológicos daqueles mais prementes, a saber, “la posición de EE UU fue evidente em todo momento: obtener el máximo control para que las cosas siguieran lo más ‘estables’ posible, entendiendo por la estabilidad lo necesario para controlar o mercado” (McGILVRAY, 2006, p. 258). Em segundo lugar, distingue-se em sua análise a importância ímpar da atuação da grande mídia de massas nos EUA e dos agentes de public relations em consolidar uma visão pacifista dos EUA: “Assim, as instituições ideológicas devem suprimir o registro de agressões, de campanhas de terror, de estrangulamento econômico e outros expedientes empregados pelo Senhor do hemisfério em sua dedicação aos ‘verdadeiros interesses do povo cubano” (CHOMSKY, 1993, p. 213). A classificação dessa perspectiva como revisionista vai de encontro à interpretação da eminente historiadora Aviva Chomsky, filha de Noam, em seu clássico “História da Revolução Cubana”, texto em que, aliás, não faz menção ao pai. Para Aviva, quanto à temática EUA versus Cuba, podem-se distinguir duas categorias de análise, a primeira é aquela dos que Noam também chama de retóricos ou idealistas, nesta categoria de textos privilegia-se “o contexto da Guerra Fria, enfatizando o caráter comunista da revolução, as relações de Cuba com a União Soviética e o choque de ideologias que motivou as políticas norte-americanas durante a segunda metade do século XX” (CHOMSKY, 2015, p. 83). De outro lado, principalmente os autores cubanos e os revisionistas norte-americanos “considera-se a postura imperial dos Estados Unidos para com o Caribe e a América Latina, que é anterior à Guerra Fria e à revolução, como a base mais importante para qualquer análise.” (IBID, p. 83).

Metodologia

A metodologia adotada pela pesquisa se baseia, sobretudo, na análise da produção bibliográfica do autor, através da identificação das principais obras políticas que tematizam as relações externas dos EUA, seus desenhos e objetivos estratégicos para a América do Sul e Caribe.

Resultados e Análise

Após a análise de obras centrais ao pensamento político de Chomsky, é possível constatar que para o mesmo o caso das relações exteriores EUA versus Cuba é emblemático na

compreensão de que a guerra fria “certamente não foi mais que um pretexto para ocultar a clássica recusa a tolerar a independência do terceiro mundo, qualquer que seja sua coloração política” (CHOMSKY, 1993, p. 221). Nessa leitura dos impasses e conflitos entre os países em questão, Chomsky expõe que mesmo antes da simbólica e grave crise dos mísseis em outubro de 1962, durante o governo Kennedy (1961–1963), há de se levar em consideração o *modus operandi* da política norte-americana para o Caribe e América do Sul. Há certo consenso entre historiadores revisionistas de que a Revolução Cubana, inicialmente, é muito mais um movimento caracterizado pelo forte viés nacionalista, do que pela lógica comunista posterior. Mesmo Fidel Castro, líder principal do conflito, para Eric Hobsbawm (2017), por exemplo, era um adepto das lutas de libertação colonial, fortemente influenciado pela figura de José Martí. No mesmo sentido, para Chomsky: “A derrubada da ditadura por Fidel Castro em janeiro de 1959 logo provocou a hostilidade dos Estados Unidos e uma volta ao caminho tradicional. No final de 1959 a CIA e o departamento de Estado concluíram que Fidel Castro precisava ser derrubado. Uma razão para isso, explicaram os liberais do Departamento de Estado, era que ‘os nossos interesses de negócios em Cuba foram seriamente afetados’. Uma segunda razão era o efeito ‘maça podre’: ‘os Estados Unidos não podem pretender encorajar e apoiar boas políticas econômicas em outros países da América Latina e promover os investimentos privados necessários na América Latina se estiverem ou aparentarem estar ao mesmo tempo cooperando com o programa de Fidel’ concluiu o Departamento de Estado em 1959 [...] Nos Estados Unidos, observa Jules Benjamin, os liberais, como os conservadores, achavam que Fidel era uma ameaça para o hemisfério, mas sem o componente da conspiração comunista internacional” (Ibid, p. 209). Desde antes da conversão ao comunismo no regime cubano, a escalada de conflitos entre Washington e Cuba seguiu no claro sentido da ameaça representada aos interesses das empresas norte-americanas pelas reformas sociais empreendidas a partir de 1959. A principal delas é a reforma agrária que expropriou com pagamentos em longo prazo quase 70% das terras que se encontravam sob controle direto do capital dos EUA. O governo Eisenhower (1953–1961) atacou o território cubano já em outubro de 1959, além de estabelecer formalmente um plano para a derrocada do regime. Com Kennedy “houve uma escalada de sabotagem, terror e agressão, junto com o tipo de guerra econômica que nenhum país pequeno pode aguentar. A dependência de Cuba em relação aos Estados Unidos como mercado para a exportação e importação era, obviamente, esmagadora, e dificilmente seria substituída sem um custo alto.” (id, 2003, p. 134) Com essa última citação, fica também evidente a tese, revisionista, de que Cuba foi praticamente empurrada ao socialismo soviético

Considerações Finais

Chomsky cita, por diversas vezes, que a ameaça cubana à segurança norte-americana antes da crise dos mísseis soaria risível à opinião pública, daí a necessidade de criar uma estratégia de contenção através de ações subversivas e secretas centralizadas na CIA. Como declarou um diplomata mexicano no período, ‘se declaramos publicamente que Cuba é uma ameaça à nossa segurança, 40 milhões de mexicanos irão morrer de rir’. Após a queda do sistema soviético os impasses seguem no mesmo sentido, “continua em vigor em 1992, com os Estados Unidos, cuja experiência nesse particular já tem 170 anos, perseguindo a sua venerável tarefa de impedir a independência cubana.” O caso mais emblemático dessa estratégia talvez seja aquele que envolveu as disputas em torno da lei Helms-Burton, que impedia empresas estrangeiras, além das norte-americanas de comercializar com Cuba. Assim “em novembro de 1996, Washington (com Israel e Uzbequistão) votou só contra uma resolução da Assembleia Geral, apoiada por toda a União Européia (UE), que exortava os EUA a pôr fim ao embargo contra Cuba. A Organização dos Estados Americanos (OEA) já votara unanimemente contra a Lei Helms-Burton e solicitara à sua instância judicial (o Comitê Judicial Interamericano) para julgar a sua legalidade. Em agosto de 1996, o Comitê decidiu por unanimidade que a lei violava a legislação internacional.

Referências

- AYERBE, Luís Fernando. A revolução cubana. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHOMSKY, Aviva. História da revolução Cubana. São Paulo: Editora Veneta, 2015.
- CHOMSKY, Noam. Contendo a democracia. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. Estados Canallas: el império de la fuerza em los asuntos mundiales. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- _____. Ano 501. A conquista continua. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.
- _____. O império americano: hegemonia ou sobrevivência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
- _____. Rumo a uma nova guerra fria: política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- MCGILVRAY, James. Chomsky: lenguaje, mente y política. Espanha: Editorial Laetoli, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. Viva la revolución: a era das utopias na América Latina. São Paulo: Companhia das letras, 2017.